

## **CIDADE SEM NOME**

revista eletrônica  
artigo publicado em janeiro/2007

# **PENSAMENTOS NÔMADES.**

**Carlos Roberto Monteiro de Andrade**

O texto que segue foi lido, com pequenas modificações, no debate realizado por ocasião do lançamento do livro *Raízes Errantes*, de Mauro Maldonato (São Paulo: SESC – São Paulo; Ed.34, 2004) em São Carlos, em evento realizado pelo SESC – São Carlos, em 23 de junho de 2004, que contou com a presença de Mauro Maldonato, Carlos Roberto Monteiro de Andrade, da EESC.USP e do filósofo Bento Prado Júnior, da UFSCar.

Nesse conjunto de ensaios ora sendo lançado entre nós, MM nos conduz por paisagens poéticas que discutem e nos levam a pensar sobre os dilemas do conhecimento – filosófico, artístico e científico – contemporâneo. Seus textos têm a cadência de uma peça lírica, passando de pensamentos em “allegro moderato” para “adagios” iluminados que culminam em “andante maestoso” (como o Concerto em A menor, Op. 16, de Edward Grieg).

“Andante tranquillo” seria melhor para expressar o movimento que MM nos expõe, como desígnio de um pensamento que recusa toda e qualquer fixação. Filósofo do nomadismo, como foi Pierre Clastres ao desvelar a forma específica da territorialidade dos Guayaki quando estes “eram livres e mestres da floresta”, MM enfrenta as incertezas de verdades provisórias, de um caminho sem mapa, de uma cidade sem plano, de um edifício sem projeto.

Do que nos fala “*Raízes Errantes*”? O que nos diz esse título que já encerra uma ambigüidade? Tensão entre a afirmação de uma tradição enraizada, um pensamento radicular, e a recusa a toda fixação, negação às últimas conseqüências de idéias sedentárias? Em arquitetura poderíamos falar das diferenças entre habitações abandonáveis ou móveis, com materiais leves como fibras vegetais, tecidos ou peles de animais, e casas de pedras, concreto ou tijolos resistentes, duráveis e pesadas, com fundações cravadas no solo. Diferenças entre forças de tensão e forças de tração e compressão, entre suas formas plásticas e suas possibilidades espaciais, nômades ou urbanas. Diferenças entre o acampamento na selva ou no deserto e a cidade ou metrópole. *Polis vs. Nomos* (do grego nomás – que pasta, o que muda de pasto; daí nômade, nomádico, nomadizar).

Em “O Estrangeiro”, ensaio que abre seu livro, MM pergunta “quem é o estrangeiro?” E nos responde: “é o que deixa a terra dos pais, a casa, a memória”. O estrangeiro migra, ser estrangeiro é ser errático, é nomadizar, é ser aquele que vive a viagem como repouso e repousa viajando, sob efeitos alucinógenos ou encantado como um iogue centenário, em grupos que circulam por estepes ou florestas, por desertos de areia ou gelo, que estacionam apenas por um tempo determinado e que levantam suas tendas, ou abandonam suas ocas, por motivos incompreensíveis para os homens que se cercam de muralhas.

Filósofo da errância, MM revela no estrangeiro um movimento puro, a recusa “a filosofias, a visões alentadoras, à emotividade de ligações duradouras, a moradas estáveis”. De seu

primeiro relato de viagem – diário poético-reflexivo, como chama Edgar Morin na Introdução do livro –, MM faz aflorar novas indagações: “para onde leva essa libertação de todo vínculo? E o que é essa voz que convida à viagem rumo a uma ‘terra estrangeira’?” Se no encontro de estrangeiros assoma “o Vulto do Outro”, estes também são seus “companheiros de viagem”, como assim MM denomina a lista de livros que constituem as referências bibliográficas de seus textos.

Mas também nos mostra que devemos ser tolerantes com o Estrangeiro, com o Outro, com as diferenças que exibimos no confronto das palavras e dos gestos. MM aponta aqui a exigência, ou necessidade mesmo, de um pensamento radical “que subverta as categorias do ‘político’ e a condição para executá-lo é nos livrarmos “da obsessão do definitivo, de regras universais e abstratas”. Contra os dogmas totalitários, MM preconiza o pensamento da pluralidade e com ele nos brinda com escritos onde a complexidade emerge na forma de “sentimento do viver humano”.

Duas indagações se colocam em torno desses temas: se a filosofia é filha da *polis*, conhecimento urbano por excelência, qual o lugar do filósofo em uma sociedade nômade? Não seria nossa vã filosofia substituída pela pajelança?, cuja eficácia prática é - sem dúvida - melhor que qualquer método, apesar de seus recursos mágicos serem talvez menores que uma boa metafísica? E será o caminho da tolerância sempre uma errância, deriva incansável, à maneira da busca da terra sem mal dos tupis, nomadismo absoluto, viagem sem paradas?

“Pensar a vida como uma viagem sem cartas de navegação”, é o que MM nos propõe, pensar assim também a ciência e todo processo de conhecimento. E se a errância confere a territorialidade própria de uma filosofia que se pretende sem limites ou fronteiras, que almeja pensar o impensável, e se podemos e devemos estender esse modo de ser errático às nossas vidas – até porque quase sempre ele que se impõe à nossa revelia – também a ciência, como observa MM - ao fazer um breve acerto de contas de sua viagem epistemológica interior com essa Senhora -, jamais “conquista (...) lugares estáveis e seguros”. Ou, como sugere: “O mais alto dever de um cientista é o de cruzar fronteiras e limites e, uma vez ultrapassada a linha, perceber que tudo o que tinha visto, de repente, se tornou menor”.

MM reconhece – e lembra Dumézil a respeito – que o homem moderno retoma o homem do período clássico dando-lhe a consciência de Sísifo, esse eterno recomeçar e reconstruir que joga por terra a pretensão de uma forma de conhecimento ser superior a outra, ou de critérios de racionalidade serem mais científicos - e por isso válidos -, que as adivinhações de uma cartomante.

Mais ainda: se a tarefa da ciência é sempre superar a última fronteira, explorando o desconhecido, seus caminhos não podem – como lembra MM – ser apenas conceituais. Eles têm, bem diz, “de abrir-se a imagens, aproximações, conexões, encontros inusitados”, onde a metáfora se faz necessária para que, com suas “iluminações transversais”, nos ajude a esclarecer o que chama “os nexos significativos que não podem ser logicamente derivados”.

Daí seu tributo ao “pensamento viandante”, nomádico, que marca as idéias de Edgar Morin, com ele compartilhando a concepção de “uma racionalidade consciente da própria incompletude”, que se debruce “sobre tudo que é incerto e sem fundamentos”, sobre o que escapa à racionalização, abrindo-se e enfrentando a complexidade em um movimento de desconstrução firme dos mitos da racionalidade científica.

Ressaltando a “missão crítica” da obra de Morin, MM se alinha à sua tarefa demolidora que vê – como diz – “a ciência como uma atividade demasiado ‘complexa’ para poder ser rigorosamente encerrada nos cânones lógico-formais de uma metodologia”, ou,

parodiando: a ciência é uma atividade muito séria para ficar sob a responsabilidade apenas de cientistas. Em seu diálogo com o filósofo Federico Leoni, ambos concordam com o fato de que a crença em um Método Único “é uma superstição de conseqüências nefastas, um verdadeiro drama para o Ocidente.” Para se manter o “rigor do saber” de Husserl, há assim que se ampliar nosso horizonte buscando nos aproximar “de nossa experiência viva”. O conceito de rigor terá, desse modo, que ser revisto, e esta é uma das lições de casa que MM nos passa. Empreitada para a qual contribui de modo decisivo, apontando as passagens sem norte de seus pensamentos nômades.

### **Nota dos Editores**

Os artigos publicados em **CIDADE SEM NOME** não refletem opinião ou concordância da equipe editorial da revista, sendo o conteúdo e a veracidade dos artigos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Os autores ao submeterem os artigos a **CIDADE SEM NOME** consentem no direito de uso e publicação dos mesmos por meios eletrônicos e outros (eventualmente em parcerias com terceiros), com finalidades acadêmicas, culturais e artísticas, de debate e divulgação de informação. Ou seja, os artigos publicados passam a fazer parte do acervo de **CIDADE SEM NOME**.